

O parlamento no ecrã – debate e conversação na televisão contemporânea

Samuel Mateus

Introdução

Uma das características mais proeminentes do *medium* televisão, atributo esse historicamente partilhado com a rádio, é, sem dúvida, o destaque concedido à conversação na sua grelha programática. Com efeito, desde o seu início, a televisão sempre privilegiou programas onde o conteúdo central é a troca ou a discussão de ideias, experiências ou opiniões. A simples conversa tornou-se, assim, um aspecto central no modo como a televisão coloca o espectador como sendo, não apenas um membro de uma audiência distante, mas simultaneamente um interlocutor, dirigindo-se-lhe constantemente, incitando-o a pronunciar-se, persuadindo-o a continuar a assistir à emissão.

Na contemporaneidade, a explosão de estações de televisão por cabo intensificou esta tendência e a proliferação de *talk-shows*, programas televisivos onde ocorre o debate de diversos tópicos de natureza diversificada. Mesmo formatos que inicialmente não contemplavam esta dimensão conversacional, como os programas diários de informação, foram progressivamente assimilando características associadas aos *talk-shows* e integrando, no seu tempo de antena, maior tempo concedido a entrevistas e a comentadores.

Uma rápida análise da grelha programática televisiva rapidamente confirmará a importância dada ao diálogo e aos *talk-shows*: por exemplo, na televisão portuguesa programas diários como *Praça da alegria* (RTP), *Portugal no coração* (RTP), *Você na TV* (TVI) ou *Querida Júlia* (SIC), e na televisão internacional, *Kilroy*, *The Oprah Winfrey Show* ou *Donahue*, confirmam a centralidade do diálogo sendo construídos à volta de

pequenas palestras, mais ou menos informais, acerca de tópicos tão diversos como solidariedade social, justiça ou vida familiar.

O presente artigo examina as características discursivas da televisão contemporânea partindo do pressuposto de que ela constitui um verdadeiro *parlamento* (Mateus, 2011: 484). Contudo, parlamento deve, neste contexto, ser entendido de forma diferente da habitual: não tanto uma assembleia de representantes eleitos por escrutínio político, mas sobretudo uma assembleia de parlamentação, isto é, um concílio onde os indivíduos, de forma individualizada ou colectiva, procedem a um exercício discursivo, discutindo, negociando, conversando, conferenciando publicamente. Estamos, pois, a utilizar a palavra num sentido discursivo, muito semelhante à palavra francesa *parlementer* (derivada de *parler* que significa falar) e da inglesa *parley* (que significa debate ou negociação).

A televisão consubstancia, assim, uma mediatização dessa capacidade de discussão verbal da experiência social a que chamamos parlamento, oferecendo novas oportunidades, não apenas para a compreensão das audiências, como também para a discussão, pública e informal de temas sociais. Ela torna possível um acesso do indivíduo comum à cena televisiva que expõe, de forma pessoal e subjectiva, as suas próprias inquietações e expectativas.

Iniciaremos esta reflexão elencando as características principais desta parlamentação televisiva, faremos a sua caracterização, e distinguiremos dois tipos de desempenho discursivo: o debate e a conversação.

Os preceitos gerais do parlamento televisivo

Se quisermos compreender como a televisão se transformou num dispositivo tecnológico de mediação simbólica amplamente alicerçado numa capacidade discursiva que congrega espectadores e participantes directos para uma discussão informal, temos necessariamente de estabelecer o conjunto de procedimentos, regras e cânones que a constitui como um espaço parlamentar.

Assim, é conveniente discernir os principais atributos desta característica parlamentar emergente, sobretudo, no género televisivo *talk-show* embora outros programas possam igualmente incluir esta insistência sobre a conversa informal. Note-se que outras características poderiam ser relevadas e que aquelas por nós assinaladas não pretendem resumir, por completo, o conjunto de atribuições daquilo que enunciámos como parlamentação televisiva. Trata-se, somente, de grandes tendências que, todavia, devido ao grau de generalidade não devem ser pensadas como sendo exaustivas.

Um, o apresentador conduz e modera a discussão dos tópicos introduzindo (em exclusivo ou não), quer opiniões de especialistas, quer opiniões “laicas” do indivíduo comum, o qual é convidado a relatar a sua experiência pessoal acerca do tópico em causa. Dois, os especialistas não são endereçados de forma especialmente

reverente indo o destaque da moderação para a opinião do indivíduo comum. Três, cada conversa ou programa foca-se num único tema, frequentemente de cariz político, social, desportivo, cultural ou económico, suscitado pelo grau de relevância pública que naquele momento possui (Livingstone e Lunt, 1996: 39). Por exemplo, perante a situação de abrandamento e recessão económica na Europa, e o consequente aumento da taxa de desemprego, um tópico recorrente da parlamentação televisiva tem sido as atitudes de poupança que cada pessoa pode adoptar para fazer face à “crise” económica e financeira. Quatro, os programas televisivos, sobretudo aqueles de debate, como *Prós e contras*, tendem a privilegiar perspectivas opostas acerca do mesmo assunto de maneira a obter uma discussão antagónica mas plural. No caso de *talk-shows*, essa diferenciação de opiniões é vulgarmente obtida pelo confronto da compreensão pessoal – subjectiva e emotiva – do indivíduo convidado, e a compreensão profissional – objectiva e racional – do especialista. Quinto, e em linha com o ponto anterior, as contribuições para a conversa são de carácter testemunhal, participadas por um investimento emocional e fundamentadas na experiência subjectiva. Sexto, esta parlamentação realiza-se, na maioria dos casos, numa emissão televisiva em directo ou previamente gravadas num formato “em directo” (sem edição significativa e gravado sem interrupções perante uma audiência em estúdio) e transmitidas pouco tempo depois. Sétimo, a parlamentação televisiva não é exclusiva do *talk-show* podendo acontecer noutros géneros televisivos, como programas de entretenimento, concursos, boletins informativos ou mesmo novelas, as quais repetem os padrões, interaccionais e simbólicos, das conversas quotidianas.

Feitas estas observações genéricas, falta abordar o modo como a parlamentação televisiva e ao seu carácter dialógico consegue criar um laço, não apenas com a audiência presencial (no caso dos *talk-shows*), como também com a audiência televisiva, os espectadores que, em casa, assistem ao programa. Dito de outra maneira, abordamos agora os atributos responsáveis por estabelecer uma experiência singular entre televisão e audiência, e que faz da parlamentação televisiva um interessante objecto de pesquisa por parte dos estudos televisivos.

Três fundamentos da parlamentação

Aqui e agora

Uma das peculiaridades deste exercício discursivo de diálogo, relato e narração que denominámos de parlamento televisivo consiste na criação de um tempo e espaço muito próprios. Contrariamente a essa função objectiva em que a televisão reporta o real tal e qual ele ocorre (como por exemplo, as transmissões de eventos desportivos), no ambiente narrativo de diálogo na televisão ocorre uma experiência de simultaneidade (Brunn, 1999: 244) do espaço e do tempo. O que se procura

durantes as conversas televisivas é a fundamentação do mesmo espaço dialógico e do mesmo tempo de apreensão entre participantes e espectadores. Enquanto a reportagem televisiva refere um “ali” espacial e temporal (*there and then*), ou a transmissão em directo refere uma “agora e ali” (*now and there*), aquilo que aludimos como parlamento televisivo tem, sobretudo, a ver com “aqui e agora” (*here and now*), uma partilha simbólica do mesmo tempo e espaço simbólico que inaugura uma relação de proximidade entre o falatório e os tele-espectadores. Como se a audiência televisiva fosse interpelada pela discussão a que assiste, como se a visibilidade da disputa televisiva invadisse a sua esfera privada e a projectasse para o centro da discussão. Aliás, os não-raros programas (como *Opinião pública* da Sic Notícias ou *Discurso directo* da TVI24) que incentivam o espectador a telefonar e a participar na conversa, são a prova dessa invasão da cena televisiva que o indivíduo comum opera actualmente como forma de participação espontânea no colóquio, ao qual começou simplesmente por assistir, mas no qual rapidamente se tornou num dos intervenientes.

Estar junto

O segundo traço distintivo para o qual chamamos a atenção decorre do anterior e tem a ver com a criação de uma empatia entre o apresentador, os convidados em estúdio e os espectadores (potencialmente participantes) da parlamentação. Como referem Livingstone e Lunt (1996: 39), os programas de discussão que envolvem a audiência oferecem um sentimento comunitário que agrega especialistas e não-especialistas, oradores em estúdio e oradores em casa (os tele-espectadores). Aí impera, antes de mais, o senso-comum, sendo as questões sociais ou políticas abordadas com o pragmatismo de uma racionalidade prática que na rotina diária lida directamente com os assuntos em causa. A parlamentação televisiva define-se, neste sentido, como um texto aberto (Eco, 1985) onde múltiplos sentidos afloram, cada participação acrescentando um nível mais de consideração. Na parlamentação contemporânea diversas perspectivas interrelacionam-se, um adensando mas simultaneamente interrompendo o fio de raciocínio da anterior intervenção. Há como que uma flutuação de significados, em especial, nos programas noticiosos que se abrem à palavra mundana e permitem a participação por telefone dos espectadores nessa discussão. Aqui a discussão voga imprevisivelmente ao sabor das palavras, detendo-se aqui e ali, ocasionalmente avançando vorazmente nos aspectos sublinhados. No parlamento televisivo, a participação, quer da audiência, quer dos elementos em estúdio, não obedece a nenhuma lógica interpretativa prévia. Cada comentário que se sucede é livre e exclusivamente dependente das circunstâncias de quem o profere.

O que é importante nesse sentimento do “estar junto” é o reconhecimento da audiência como um participante de pleno direito, o sofá transformando-se em

palanque, a esfera do privado transmutando-se no domínio público. Mais, a audiência é interpelada como elemento interveniente anulando a distância e a passividade tradicionais imputadas à audiência televisiva. É como se aos tele-espectadores fosse dada a impressão da conversa a que assistem e participam existissem precisamente para si. E por isso, o uso de expressões idiomáticas, provérbios populares, abreviaturas ou expressões populares que pululam no parlamento televisivo emulam aquelas emergentes nas conversas do dia a dia, o quotidiano cruzando as fronteiras da televisão e transformando-se num seu conteúdo. Nas conversas televisivas da contemporaneidade, os formalismos, as reverências formais e o protocolo tendem a ser substituídos pelo coloquialismo do indivíduo-comum, pela informalidade da palavra espontânea ou, ainda, pela descontração com que apresentador e convidados interagem entre si (frequentemente dispensando um tratamento formal e preferindo a proximidade da segunda pessoa do singular). Com tudo isto, a televisão torna-se mais próxima da sua audiência e os falatórios que aí se realizam repetem esse imperativo do “estar junto”: juntos no mesmo espaço/tempo simbólicos e, sobretudo, junto nos modos do agir e do comportamento público observados na vida quotidiana.

Sociabilidade

Por conseguinte, chegamos ao terceiro fundamento da parlamentação. Se o “aqui e agora” do parlamento televisivo fomenta uma forma (por ténue que seja) de sentimento comunitário, este estar junto liga-se intimamente a um sentimento de imediatez e sociabilidade que nega a pretensão de exclusividade do carácter unidireccional da comunicação televisiva (Brunn, 1999: 248). Não apenas a parlamentação tende a estender-se à audiência e incluí-la no exame dos assuntos, como se cria uma expectativa enfática de sociabilidade. A esse nível é importante lembrar as duas formas de ligação e de estabelecimento de contacto identificadas por Scannell (1996: 28). Por um lado, numa forma mais pública, temos aqueles programas que convidam a audiência para integrá-lo, assistindo, aplaudindo, testemunhando, por vezes mesmo, intervindo por intermédio de questões colocadas ao painel de oradores. O tele-espectador funde-se, deste modo, nas reacções da própria audiência presencial do programa, sorrindo, aplaudindo, entristecendo-se ao seu ritmo. Como se o espectador fosse mais um elemento dessa audiência, conseguindo-se, desta forma, uma ligação mais imediata à conversa. Do mesmo modo, uma maneira de ligar o espectador ao programa é através do uso de um conjunto de procedimentos que dão a ilusão de intimidade, amizade e coesão entre os participantes: o apresentador menciona o nome próprio de algum elemento da equipa de produção, move-se por entre os membros da audiência, adopta uma linguagem corporal que inspira confiança, familiaridade e camaradagem, e repete comportamentos quotidianos (por exemplo, beber leite de uma caneca no *Edição da manhã* (SIC)).

Por outro lado, e numa forma mais privada, temos os programas de televisão que intencionalmente excluem do *plateau* a audiência com o propósito de criar uma ambiência mais íntima com os espectadores. São exemplos portugueses os *talk-shows* *Na cama com...* (SIC), *Bairro alto* (RTP2) ou *Cinco para a meia-noite* (RTP1), os quais entre cenários domésticos que alternam camas e sofás, quartos e salas, convidam o espectador a assistir a conversas mais intimistas.

Em qualquer dos casos, invocando um ambiente mais colectivo ou mais individualizado, na parlamentação televisiva constatamos uma sociabilidade se pelo termo entendermos, como Simmel (1971: 128), uma estrutura sociológica especial baseada na necessidade dos indivíduos se relacionarem entre si. Orientada sobre a personalidade (ou seja, sobre qualidades humanas), a sociabilidade é um elemento fundamental da parlamentação televisiva ao assumir-se como parte imprescindível dessa relação comunicativa que se estabelece entre programa e tele-espectador (Brunn, 1999: 250). No fundo, no cerne das expectativas do espectador está justamente esse acesso mediatizado a uma sociabilidade e a essa necessidade que o indivíduo tem de ser escutado e reconhecido como interlocutor competente. Os espectadores não são apenas endereçados como participantes no parlamento televisivo, eles participam efectivamente nas conversas mediatizadas com vista a realizarem, de forma indirecta, um exercício de sociabilidade. Uma das motivações fulcrais dos *talk-shows* é esta participação, por intermédio da prática discursiva, num movimento de agilização social.

É assim que facilmente encontramos no parlamento televisivo uma sociabilidade que por vezes se confunde com a “interacção para-social” (Horton e Wohl, 1956). Embora habitualmente o conceito seja associado à ficção televisiva, se o compreendermos como uma interacção social *paralela* àquela registada face-a-face, conclui-se que a sociabilidade resultante da mediatização do processo discursivo ocorrente na televisão contemporânea pode acontecer enquanto interacção para-social.

De acordo com Horton e Wohl (1956: 216), esta relação difere em grau mas não em tipo de relações interpessoais consideradas genuínas com aquelas que se realizam face a face. O factor decisivo é a reciprocidade. Ora, se levarmos em linha de conta que muitos *talk-shows* incentivam os seus tele-espectadores a telefonar e expor a sua opinião, então, temos de aceitar não apenas uma bi-direccionalidade da comunicação televisiva, como também um grau de reciprocidade fundamental para empreender relações sociais. Podemos estar perante uma sociabilidade mediatizada, indirecta ou fraca (consoante a terminologia que queiramos aplicar) mas sociabilidade todavia. Os espectadores não são meras instâncias passivas, ao interpretarem as conversas, e comentarem publicamente as suas opiniões, tornam-se agentes activos que intervêm num processo partilhado de sociabilidade, mesmo não ocorrendo esta face a face. Para compreendermos a parlamentação televisiva é conveniente ter em conta o grau (maior ou menor) de reciprocidade das intervenções e a emergência de um

sentimento de imediatez e sociabilidade, mesmo se fundamentada por intermédio de uma interacção para-social. Porém, igualmente importante é aceitarmos que o grau de publicidade contido nas interacções discursivas televisivas providencia uma oportunidade de empreender processos de sociabilidade. Independentemente do grau de efectividade com que ocorram (e dependendo do programa em questão), porque a parlamentação televisiva se traduz numa interacção discursiva de carácter público, encontramos nela traços de um processo de sociabilidade. Aliás, como dissemos, este será o passo lógico que sucede à criação de uma mesma referência espacial e temporal e da emergência de um sentimento comunitário.

Modos performativos do parlamento televisivo

Existem dois tipos principais de desempenho discursivo os quais resumem a maior parte das palestras realizadas na televisão contemporânea na sua ênfase concedida à conversa banal, ao debate de opiniões ou ao comentário de assuntos políticos. A distinção entre ambas é tão mais importante quanto actualmente o comentário (político, cultural, desportivo ou económico) quase se tornou num género televisivo autónomo. Pois, se há alguns anos atrás, ele se inseria quase exclusivamente em programas de debate político, nos últimos anos verifica-se a ocorrência noutros géneros, como os noticiários, os *talk-show*, as entrevistas ou os *magazines*. Na televisão portuguesa, em alinhamento com as suas congéneres europeias, têm mesmo surgido novos programas assentes nesta primazia do comentário: são exemplo, *Economix* (RTP Informação), *Cor do dinheiro* (RTP Informação), *Prolongamento* (TVI24) ou *Quadratura do círculo* (SIC Notícias). Independentemente da primazia do comentário na parlamentação televisiva, ele insere-se, como veremos, dentro de um dos modos performativos.

Nesse exercício discursivo de troca de ideias, debate e diálogo entre uma diversidade de indivíduos (espectadores, apresentadores, convidados em estúdio, participantes ao telefone, por *e-mail*, *Facebook* ou *Twitter*) deparamo-nos com duas grandes categorias que enformam o parlamento televisivo: o debate e a conversação. Enquanto o primeiro tende a pautar-se por um discurso especializado, político, baseado em grandes sistemas de representações colectivas e visando a legitimação de uma perspectiva acerca do mundo, o segundo tende a ser mais concreto e vivencial, assumindo uma personificação dos problemas sociais e oferecendo uma dimensão mais subjectiva (cf. Livingstone e Lunt, 1996: 180). Debate e conversação correspondem, nesta reflexão, a duas categorias possíveis (mas não absolutas) de compreensão da multiplicidade performativa das interacções discursivas realizadas na televisão contemporânea. Os seus contornos misturam-se, por vezes, pelo que a distinção que fazemos entre ambas têm, sobretudo, um valor metodológico que nos permite operar melhor com as ideias de uma parlamentação televisiva que alterna entre a pura negociação (mais ou menos especializada e qualificada) de perspectivas

e o puro diletantismo da palavra, um discurso ancorado na experiência pessoal que vagueia dado o seu carácter eminentemente testemunhal.

O primeiro tipo de parlamentação ocorre em programas televisivos clássicos de debate como *Prós e contras* (RTP 1). Perante um tema social ou político, temos aqueles que apoiam ou criticam. Os tópicos são colocados como alternativas que se excluem entre si: por exemplo, “a eutanásia deve ser legalizada ou não?”. Por entre representantes políticos e sindicais, especialistas e uma audiência presencial geralmente motivada para o tema, os argumentos vão sendo sucessivamente aduzidos sob a moderação da apresentadora, a qual procura, mais do que os consensos, provocar os defensores e críticos para que a discussão possa ser acesa. Por vezes, protegendo, outras vezes censurando, por vezes, recapitulando aquilo que se disse, a apresentadora vai gerindo a chama da discussão. Embora se reconheça a incapacidade destes debates conduzirem a uma conclusão definitiva, a luta de ideias que aí ocorre contribui para o esclarecimento dos tópicos em causa. E se os tele-espectadores considerarem que aspectos existem que ainda não foram mencionados, mais provável é a sua participação no programa televisivo através, por exemplo, de um telefonema (Turow, 1974).

O segundo tipo de parlamentação é mais esguio de ser identificado ocorrendo em bastantes géneros televisivos, além do *talk-show*. A conversação designa essa reprodução mediatizada dos diálogos abertos, espontâneos e informais que ocorrem em ambientes sociais quotidianos, como no café, no emprego, ou na rua. A televisão contemporânea deseja é mostrar conversas quase como se o ecrã do televisor desse acesso a uma grande sala através da qual a televisão conversa com os seus espectadores. Não apenas o indivíduo comum vai ao estúdio dialogar com a televisão, na parlamentação contemporânea assistimos a uma tentativa da televisão “falar” com o espectador. Como? Dirigindo-se-lhe mas, antes de mais, respondendo às suas necessidades de recortar a realidade, compreendê-la, e saber agir perante as dificuldades do dia a dia. É assim que na conversação televisiva se fala de quase todos os temas: a infertilidade, as doenças oncológicas, a educação das crianças, da taxa de desemprego, o aumento da criminalidade, como ser boa mãe, maneiras de elevar a auto-estima pessoal, etc. Tal como as conversas quotidianas obedecem a um critério de pertinência entre os interlocutores, também a conversação parlamentar televisiva atende às expectativas prosaicas dos seus espectadores reproduzindo interações discursivas de carácter prático. O posicionamento dos participantes em estúdio, a cenografia, a linguagem facial, gestual e corporal apontam precisamente para essa reprodução do quotidiano. Encontramos, com frequência, programas onde as conversas são feitas lado a lado (*A tarde é sua*, TVI), ou em esplanadas improvisadas enquanto se bebe um café (*Praça da alegria*, RTP1); e o conteúdo destas conversas não difere muito daquele que qualquer pessoa teria no seu dia a dia.

Na conversação televisiva, e ao longo dos anos, procede-se a uma análise permanente dos temas, voltando a eles em permanência, resgatando-os do esque-

cimento, voltando a explaná-los, dissecá-los, explicá-los melhor com o recurso à experiência subjectiva de quem passou pelas dificuldades aludidas. Nos *talk-shows* constatamos essa repetição dos assuntos, mas sempre renovando as abordagens com novos testemunhos ou novas opiniões. No fundo, a conversação – mesmo aquela que acontece em concursos como *O preço certo* onde são, também, as tradições, os costumes e a cultura regional portuguesa que incontornavelmente aflora – traduz uma tentativa da televisão narrativizar o real e o tornar mais fácil de ser apreendido. Por isso, Ellis (2000: 78), fala na generalização de uma explanação (*working through*) por parte da televisão, isto é, numa abordagem aturada de um tema sem, no entanto, nunca o concluir. Tal é evidente na revisitação dos *talk-shows* de casos de política por explicar, (a rubrica de crime do *Querida Júlia*, na SIC, por exemplo) cujos pormenores são constantemente reevocados, repensados, infundavelmente re-comentados.

Com efeito, a explanação parece ser a dimensão fundamental do modo conversacional da parlamentação televisiva. Face à profusão de imagens e representações, a conversação televisiva procura, através da narrativa, resolver algumas tensões e contradições através do desenvolvimento e da exposição profusa de pormenores, factos, observações ou rumores. E fá-lo através de uma abundância de interacções verbais. Tenta encontrar explicações, especula, visa resolver a controvérsia mas, em cada tentativa, acaba por contribuir para a intensificar e aumentar. A controvérsia, como a conversação do parlamento televisivo é um campo aberto, cada novo comentário ou apreciação alimentando essa necessidade de aprofundar a realidade social e falar dos problemas que afligem as pessoas. Cada conversa bebendo da indeterminação constitutiva da realidade social daí que sejam recorrentes as expressões “*diz que fulano disse*”, “*parece que foi de tal maneira*” ou “*pelo que sabemos só se pode pensar em...*”.

Nunca a opinião (quer do especialista, quer da pessoa comum) foi tão valorizada pela televisão. Por isso, não é de estranhar que perante uma exacerbação narrativa do real ou uma intensificação das interacções discursivas na televisão a que demos o nome de parlamentação, o debate e a conversação emergem como modos performativos centrais.

Conclusão

Num tempo em que o indivíduo banal e o quotidiano assumem o protagonismo (pense-se, por exemplo, no actual sucesso do género televisivo *reality-show*), uma maior narrativização do real e de uma maior interacção discursiva constituem os corolários desse deslocamento do quadro televisivo. Na contemporaneidade, a importância concedida ao comentário político (*Corredor do poder*, RTP1) ou desportivo (*Mais futebol*, TVI24), a simples conversa sobre a vida social de celebridades (a rubrica *tertúlia cor-de-rosa*, do programa *Fátima* (SIC), ao debate de ideias (*Prós e contras*, RTP1), à troca de opiniões (*Opinião pública*, SIC Notícias), bem como a insistência dos *talk-shows* em discutir assuntos do foro privado com a ajuda de testemunhos de

carácter pessoal e subjectivo (*Oprah* - SIC Mulher, *Dr. Phil* - SIC Mulher, *Querida Júlia*, SIC, *Portugal no coração*, RTP1), tudo isto, nos leva a falar numa parlamentação televisiva, isto é, num exacerbar da qualidade comunicativa e pública da televisão através de uma insistência sobre a interacção discursiva.

Identificámos dois modos performativos desta discursivização generalizada da televisão: o debate, o qual traduz-se numa logomaquia (Rodrigues, 2001: 18) ou um esgrimir de argumentos; e a conversação, a qual se associa a uma logofilia, ou seja, a um prazer da interacção discursiva, do intercâmbio simbólico e do exercício comunicacional. Ambos os tipos de parlamentação realizam-se na televisão contemporânea, um pouco por todos os géneros televisivos: o primeiro mais analítico e formal, o segundo pautando-se pela informalidade, mas permitindo aos espectadores uma mais fácil identificação com a forma mais autêntica, individualizada e emotiva com que os assuntos que são abordados.

Os alicerces deste parlamento no ecrã situam-se, contudo, não nesta estrutura operatória que por metodológicos apelidámos de debate e conversação, mas ao nível muito mais profundo das próprias sociedades. Ao enunciarmos os três fundamentos da parlamentação televisiva, a saber, uma sincronização espacial e temporal, um sentimento comunitário e uma sociabilidade, estamos simultaneamente a fundar o exercício comunicacional da *televisão-púlpito* que contemporânea num processo social abrangente que se encontra muito associado à identidade pessoal e colectiva. Pois, perpassando tanto na sociabilidade como no sentimento comunitário, está esse pressuposto do tele-espectador ser reconhecido como interlocutor competente e reconhecer-se ele próprio como agente de discurso com vontade de participar publicamente na discussão dos mais variados temas que, numa época ou noutra, assolam as sociedades. A multiplicação de programas como *Discurso directo* (TVI24), não apenas na televisão como igualmente na rádio, confirma este assalto positivo da palavra pública que o indivíduo comum e o espectador esperam actualmente realizar.

Não estamos já perante uma perspectiva disfórica, passiva de um tele-espectador desinteressado ou apático: pelo contrário, o que o parlamento televisivo demonstra é o dinamismo das audiências televisivas tornadas agora não apenas participantes, mas também participadas: participadas por um processo alargado de discussão de uma pluralidade de temas, os quais não se cingindo à política e à economia, referenciam, de forma emotiva e subjectiva, assuntos com os quais sentem maior proximidade e com os quais se poderão identificar.

Samuel Mateus

Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL)
Bolsheiro de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)
sammateu@gmail.com

Referências bibliográficas

- BRUUN, Hanne. The Aesthetics of the Television Talk-Show. In: AGGER, G. and JENSEN, F. (Ed.). *The Aesthetics of Television*. Aalborg Universitetsforlag, 1999. p. 243-258.
- ECO, Umberto. *Lector in fibula* [1979]. Paris: Grasset, 1985.
- ELLIS, John. *Seeing Things – television in the age of uncertainty*. London and New York: IB Tauris Publishers, 2000.
- HORTON, Donald e WOHL, R. Richard. *Mass Communications and Para-Social Interaction*. *Psychiatry*, 19(3), 1956.
- LIVINGSTONE, Sonia e LUNT, Peter. *Talk on Television – audience participation and public debate*, [1994]. London and New York: Routledge, 1996.
- MATEUS, Samuel. *O processo publicitário – estudo sobre a experiência pública*. Tese de doutoramento orientada pelo Professor Doutor João Pissarra Esteves, apresentada à FCSH da Universidade Nova de Lisboa, texto policopiado, 2011.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação*, [1990]. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- SCANNELL, Paddy. *Radio, Television and Modern Life*. London: Blackwell, 1996.
- SIMMEL, Georg. *On Individuality and Social Forms*, [1910]. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- TUROW, Joseph. *Talk-Show Radio as Interpersonal Communication*, *Journal of Broadcasting*, 18 (2), p. 171-179, 1974.

Recebido em maio de 2013.

Aceito em julho de 2013.

Resumo

A televisão contemporânea caracteriza-se pelo grandíssimo destaque concedido às interações discursivas. Com efeito, a saliência dos *talk-shows* e a programas de comentário, bem como rubricas de eminente partilha de opiniões em programas de outros géneros televisivos, confirmam esta incidência conversacional da televisão.

Analisando o modo como uma discussão pública da experiência social ocorre, este artigo investiga o parlamento televisivo, isto é, essa tendência generalizada de discursivização ao mesmo tempo que sublinha as mutações positivas que ela impôs às audiências televisivas. Deste modo, e contrariamente à perspectiva convencional disfórica (audiências tendencialmente passivas, desinteressadas e apáticas), esboçar-se-á uma compreensão renovada das audiências televisivas que as coloca como participantes activas deste parlamento no ecrã. Com este objectivo, far-se-á uma breve caracterização do parlamento televisivo, descrever-se-á os seus fundamentos, e distinguir-se-ão os seus modos performativos.

Palavras-chave

Estudos televisivos; *Talk-show*; Debate público; Parlamento; Audiência.

Abstract

Parley on Screen – debate and conversation in contemporary television

The contemporary television is characterized by the prominence accorded to discussion. Indeed, talk-shows and chatting programs successes, confirm this prevalence of a conversational dimension on television.

Analyzing the way public discussion of social experience happens, this paper investigates the televised parley, i.e. this stress in conversation and dialogue, and, at the same time, underscores the positive change that it has imposed on television audiences. Thus, contrary to the conventional dysphoric perspective (audiences seen as passive, disinterested and apathetic), the paper sketches a renewed understanding of the television audience that put them as active participants on the parley television. With this objective, a brief characterization of the televised parley, its principles and performance modes, will be made.

Keywords

Television Studies; *Talk-show*, Public Debate; Parley; Audience.